

# J. MONTEIRO SOUSA & FILHOS, LDA.

“A minha preocupação é fazer coisas bonitas”. Jorge é um homem alto, calado. Gosta que as peças falem em seu nome, porque a ele faltam-lhe as palavras e as suas peças, na verdade, dispensam uma descrição verbal.

Cresceu no meio da Filigrana, no ofício que herdou do pai e do avô, a quem acompanhava aos domingos à tarde ao adro da igreja para se deliciar com a música popular que a fanfarra tocava no coreto da aldeia. Olha para nenhures e perde-se no tempo e nas memórias. A vida era dura. O avô hipotecava frequentemente a máquina de costura para conseguir comprar a prata com que haveria de fazer joias em Filigrana. E com isso hipotecava também os sonhos da avó, que aprendera com a mãe um outro ofício: o das linhas, dos dedais, dos galões, dos linhos e tafetás, das fitas e cordões de seda, dos elásticos, dos botões e dos fechos.

Aos dezanove anos, Jorge assumiu a oficina do avô. Apesar disso, não tem pruridos em reconhecer: “Eu não sou artista de banca. Nunca fui. Os artistas estão lá em baixo, na oficina”. Jorge sabe bem quais são os seus maiores tesouros. E nem os imponentes e filigranados Galo de Barcelos, Caravela Portuguesa, ponte D. Luís ou Ovo *Fabergé*, peças que ostenta com orgulho como fruto do trabalho dos seus, tomam o lugar daqueles a quem pertence a coroa: os artesãos da Filigrana, ourives e enchedeiras.

Debruçada sobre uma “escama” que executa com destreza, Olga é enchadeira na oficina de Jorge há mais de 50 anos. Aprendeu com a mãe, na mesa da cozinha, com as quatro irmãs, num tempo em que não era permitido às mulheres sair de casa para trabalhar. “Gosto muito do que faço”, diz com a naturalidade dos anos que carrega. “Não quero que a arte acabe, porque depois de ver uma joia construída, gosto dela ainda mais!”

Olga é mestre nas escamas, uma das muitas formas de enchimento que a Filigrana assume, mas também nos “esses”, nos cartões, nos crespos e nos “esses a beijar”. Gosta particularmente destes, porque são dois “esses” que vêm ao encontro um do outro. E sorri, inocente. Toda a vida fez isto e não sabe fazer outra coisa. Nem quer.

Sentado ao seu lado, Ricardo tem a instrução primária e é ourives há 51 anos. Aos 8 começou a trabalhar como marceneiro, intrincado no mundo da madeira. Mas a mãe era enchadeira e a Filigrana já lhe estava no sangue, mesmo sem o saber. É um trabalho solitário, no qual dialoga com a sua arte, sempre na cumplicidade do silêncio. “Puxo os fios e faço o esqueleto da peça. Leva os caracóis em parede fina e depois passo-a à Olga, para a encher.”

O que fazem os artesãos é arte com História. É muito mais do que eles próprios imaginam. É património e identidade nacional. Perpetuam um legado de gerações, sabendo que não basta um ourives para moldar a Filigrana: é preciso encontrar quem a saiba encher com fios com a espessura de um cabelo. É uma obra de arte que só eles sabem fazer. Uma pinça, uma tesoura, fio nas mãos e sabedoria, porque os artesãos estão para a Filigrana como a essência está para o perfume.

Textos de Sónia Felgueiras

Encante-se com a história  
da Olga em vídeo

